

DISPERSÃO E CONCENTRAÇÃO GEOGRÁFICA DA INDÚSTRIA PAULISTA DO FINAL DO SÉCULO XIX-ANOS 1970

the dispersion and the geographical concentration the industry of the São Paulo at the end of the nineteenth century until the 1970

Amanda Mergulhão Santos Barros *

Resumo

O objetivo do artigo é estudar o crescimento industrial paulista desde a instalação das primeiras fábricas no final do Século XIX até os anos 1970 e assim verificar se ela se dá acompanhada de maior ou menor grau de concentração geográfica industrial. Desta maneira, tenta-se responder a seguinte pergunta: no estado de São Paulo, os momentos de crescimento industrial têm correspondência exclusivamente com uma tendência à concentração geográfica ou podem também ser concomitantes à dispersão das indústrias? O período em estudo justifica-se por englobar os momentos de maior crescimento das indústrias no estado de São Paulo. Consta-se que a industrialização nasce geograficamente dispersa por volta dos anos 1800 e consegue superar a produção das indústrias do Distrito Federal na década de 1920. Em outros momentos históricos, como na década de 1950, o crescimento industrial paulista ocorre de forma mais concentrada. Assim, alternam-se as relações entre crescimento industrial, concentração e dispersão geográfica, que são influenciadas pelo contexto histórico e políticas públicas, outorgando características marcantes à configuração do parque industrial paulista.

Palavras-chave: Industrialização, Concentração, Dispersão, São Paulo.

Abstract

The objective of this paper is to study industrial growth in the state of São Paulo since installation of the first factories in the late nineteenth century until the 1970s and so verify if it occurs with greater or lesser degree of industrial geographic concentration. Thus, it tries to answer the following question: in the state of São Paulo, the industrial growth has matched exclusively with geographic concentration or may also occur dispersal of industries? The study period is justified by the moments include the fastest growing industries in the state of São Paulo. It appears that industrialization born geographically dispersed around the late 1800s and can overcome production industries of the Federal District in the 1920s. In other historical moments, as in the 1950s, São Paulo industrial growth occurs more concentrated. Thus, alternate relationships between industrial growth, concentration and geographical dispersion, which are influenced by the historical context and public policy, salient features of the configuration of the industrial Sao Paulo.

Key words: Industrialization, Concentration, Dispersion, State of São Paulo.

Resumen

El objetivo de este trabajo es estudiar el crecimiento industrial de São Paulo desde la instalación de las primeras fábricas de finales del siglo XIX hasta la década de 1970 y así verificar si ocurre con mayor o menor grado de concentración geográfica industrial. Por lo tanto, tratamos de responder a la siguiente pregunta: en el estado de São Paulo, los momentos de crecimiento industrial están relacionados exclusivamente con la tendencia a la concentración geográfica o también puede suceder con la dispersión de las industrias? El periodo de observación se justifica por los momentos que incluyen las industrias de más rápido crecimiento de São Paulo. Parece que la industrialización emerge geográficamente dispersa en la década de 1800 y así supera la producción de las industrias del Distrito Federal en la década de 1920. En otros momentos históricos, como en 1950, el crecimiento industrial de São Paulo ocurre con las industrias más concentradas. Por lo tanto, hay una alternancia entre el crecimiento industrial, la concentración y la dispersión geográfica, que son influenciados por el contexto histórico y las políticas públicas, lo que da características importantes para el parque industrial de São Paulo.

Palabras-clave: Industrialización, Concentración, Dispersión, São Paulo.

(*) Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo - Rua Dois de Dezembro, 26. Ap 403, CEP 22220-040, Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Tel: (+55 21) 3091 3775 - amandabarros@usp.br

INTRODUÇÃO

As primeiras fábricas e indústrias nascem dispersas no estado de São Paulo com o intuito de atender a demanda local. Poucas vingam a longo prazo; aquelas que se mantêm e as novas perpetuam esta característica geográfica. E assim, ainda dispersas, impulsionam o crescimento paulista de tal forma que o número de estabelecimentos e a produção superam o Distrito Federal e os demais estados brasileiros no que diz respeito à atividade industrial nos anos 1920. No decorrer da década de 1950, o crescimento se dá de forma mais concentrada, seguido por um crescimento mais ameno e disperso nas décadas de 1960 e 1970.

A princípio, expõem-se os debates teóricos sobre os principais fatores que influenciam a localização das primeiras indústrias brasileiras considerando-se as particularidades do território nacional, o que ajuda a justificar o despontar da indústria no estado de São Paulo em detrimento a outras áreas geográficas. Na segunda parte do artigo, as estatísticas oficiais e os trabalhos de diversos autores são utilizados para mostrar que a indústria paulista cresce rapidamente entre fins do século XIX e início do século XX. Supera os demais estados e o Distrito Federal graças às áreas industriais do centro da cidade de São Paulo, bem como os municípios de Itu, Salto, Sorocaba, Santos, Jundiaí, Campinas, entre outros municípios.

Na terceira parte do artigo, pós-início do primeiro grande conflito mundial, evidencia-se momento de crescimento das unidades produtivas maiores com diversificação das atividades. Há indícios de que os estabelecimentos tendem a vingar por um período mais longo e de forma marcante em poucos municípios como São Paulo, Santo André, Santos, Campinas e Sorocaba, formando poucos núcleos industriais responsáveis pelo avanço industrial nos anos 1950. Nas décadas de 1960 e 1970, o crescimento industrial é mais ameno, numa conjuntura de crescimento das indústrias em áreas mais afastadas da capital. Desta forma, atinge-se o objetivo de mostrar que concentração geográfica e dispersão industrial intercalam-se em diferentes períodos de crescimento industrial paulista.

DETERMINANTES DA LOCALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA PAULISTA: UM DEBATE INACABADO

A dispersão da indústria paulista é evidenciada nos trabalhos que se referem às décadas posteriores a de 1990. Um período de intensificação das relações comerciais, disputa de mercados consumidores, redução de custos. É proposto mostrar, com uso das estatísticas oficiais, que a dispersão das indústrias no estado de São Paulo não é uma situação nova, mas também está presente na origem da formação do parque industrial paulista. Um aspecto que pode ser concluído explorando fontes históricas, trabalhos de campo e estatísticas oficiais. Acredita-se que as maiores mudanças entre os primórdios da industrialização e os anos mais recentes provêm dos fatores que influenciam as decisões de localização e, mesmo diante de um período de dispersão, muitas vezes é perceptível a concentração geográfica de algumas atividades industriais, bem como a identificação de áreas onde impera grande diversidade.

No início do século XX, as proximidades físicas dos recursos naturais e dos compradores determinam a localização das primeiras fábricas. Os avanços das telecomunicações e dos transportes fazem com que a facilidade de escoamento da produção para o mercado consumidor, o acesso à mão de obra disponível para o trabalho fabril, a busca pela redução dos custos para a compra de insumos e matérias-primas sejam preponderantes para a decisão de onde fixar as principais indústrias.

As intervenções governamentais são eficazes para a sustentação dos preços do café e primordiais para manter e estimular os mecanismos de acumulação do capital no estado de São Paulo. A força política do governo estadual paulista é referendada pelo governo federal, fato evidente com a assinatura do acordo que decide pela intervenção no mercado para manter o preço do café firmado em 1906 na cidade de Taubaté. Com a riqueza gerada pela cafeicultura e o desenvolvimento dos mercados, as manufaturas e as indústrias crescem no estado de São Paulo.

Estes aspectos, combinados de maneira diversa, são exaustivamente estudados por economistas, historiadores e geógrafos. Ajudam a mostrar porque, tão logo surjam as primeiras fábricas, a indústria paulista desponta. Em poucos anos, supera o número de estabelecimentos do Distrito Federal e Minas Gerais, bem como amplia-se a distância em relação ao Rio Grande do Sul (Tabela 1).

Tabela 1 - Resultado do Inquérito Industrial segundo as Unidades da Federação e Distrito Federal em 1907

Unidades da Federação e Distrito Federal	Estabelecimentos	Operários	Capital empregado (Em Contos de Réis)	Valor da Produção (Em Contos de Réis)
TOTAL	3258	151841	665977	741536
Amazonas	92	1168	5484	13962
Pará	54	2539	11483	18203
Maranhão	18	4545	13245	6840
Piauí	3	355	1311	1193
Ceará	18	1207	3521	2951
Rio Grande do Norte	15	2062	6913	3086
Paraíba	42	1461	5368	4388
Pernambuco	118	12042	58724	55206
Alagoas	45	3775	10788	10366
Sergipe	103	3027	14173	14811
Bahia	78	9964	27643	25078
Minas Gerais	531	9555	27750	32920
Espírito Santo	4	90	298	579
Rio de Janeiro	207	13632	86596	56002
São Paulo	326	24186	127702	118087
Paraná	297	4724	20841	33085
Santa Catarina	173	2102	9674	14144
Rio Grande do Sul	314	15426	49206	99779
Mato Grosso	15	3870	13650	4450
Goiás	135	868	1618	2477
Distrito Federal	670	35243	169989	223929

Fonte: Elaboração própria. Adaptado das Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2. ed. rev. e atual. do v. 3 de Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. p. 382

No que se refere às primeiras manufaturas e fábricas Armen Mamigonian (1976) defende uma posição ativa dos fazendeiros de café na inauguração e bom resultado das fábricas paulistas. Muitas vezes são imigrantes com grande conhecimento prévio sobre técnicas de produção e gerenciamento industrial que decidem pelo local onde fixar suas próprias fábricas ou onde comprar e desenvolver as já existentes. Wilson Suzigan (2000) também enaltece a participação dos cafeicultores nos primórdios da industrialização paulista.

(...) na verdade, várias das fábricas de tecido de algodão instaladas em São Paulo entre fins da década de 1860 e meados da de 1880 foram fundadas por cafeicultores, ou tiveram a participação desses. ... Assim, ao contrário dos fazendeiros de café da região do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, os fazendeiros de café de São Paulo fizeram investimentos diretos na indústria de transformação, especialmente na têxtil. Tendo-se engajado em todos os ramos do negócio do café (comércio de exportação e importação, transporte ferroviário, bancos e etc.), os fazendeiros de São Paulo apropriaram-se da maior parte dos lucros do negócio do café e, dessa maneira, puderam diversificar sua carteira, realizando investimentos em imóveis, empresas de serviços públicos e outras atividades tipicamente urbanas, incluindo as indústrias de transformação. Dessa diferença fundamental veio o papel mais dinâmico exercido pelo café no desenvolvimento industrial de São Paulo, em comparação com sua influência nas áreas do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, e com a influência de outros produtos básicos em outras regiões (particularmente o açúcar e o algodão no Nordeste e a borracha no Norte) (SUZIGAN, 2000, p. 146).



A inexistência destes agentes em outras áreas aliado à transformação pioneira do capital cafeeiro em capital industrial faz do estado de São Paulo importante núcleo industrial, o que também induz o dinamismo industrial em outras áreas do território brasileiro. A borracha cultivada na Região Norte também abastece as fábricas do Sudeste. A Região Centro-Oeste cresce integrada ao Sudeste graças à criação de gado bovino e se beneficia do desenvolvimento dos transportes ferroviários e rodoviários. A Região Sul se integra ao desenvolvimento do Sudeste fornecendo banha e carne de porco, vinhos e laticínios às economias cafeeiras do Rio de Janeiro e de São Paulo. A Região Nordeste se beneficia da demanda por óleo de babaçu e algodão em pluma, e até pelo acirramento da concorrência que acaba por estimular a melhoria de alguns estabelecimentos têxteis locais (MAMIGONIAN, 1976).

Para alguns autores, como Clélio Campolina Diniz (1991), cria-se uma divisão inter-regional do trabalho no Brasil. Apesar da integração territorial; há condicionantes responsáveis pela crescente distância entre as regiões: diferença de infraestrutura, distância física dos mercados e dos portos, dificuldade de adaptação tecnológica, qualificação da mão de obra, papel desempenhado pelo Estado. As condições históricas e a produção muito concentrada levam à forte disparidade nos níveis de renda per capita e de condições de vida entre as regiões brasileiras. Segundo Bacelar (1999), os demais produtos de base primária exportadora são cultivados principalmente em áreas litorâneas e praticamente não se relacionam comercialmente entre si. Por isso, surgem verdadeiros “arquipélagos”, cujo ponto comum se limita as relações comerciais externas.

No estado de São Paulo, as indústrias nascem dispersas. Aproximam-se e crescem com o avançar das relações comerciais e dos meios de transporte no início do século XX. As aglomerações industriais vão surgindo aos poucos em áreas com maior infraestrutura e rede de transportes mais integrada. A princípio, próximos e principalmente na capital paulista, em momento posterior, em áreas mais distantes.

Em outra fase de crescimento industrial acelerado, anos 1950, o governo federal contrata comissões para avaliar a situação da economia e sugerir políticas de estímulo ao crescimento. Os resultados apontam necessidade de se investir nos ramos automobilístico, de transporte e químico, todos em fase de consolidação no estado de São Paulo, o que contribui para a concentração geográfica industrial e mostra indícios da crença de que o crescimento da região estimularia automaticamente outras regiões do país. Como resultado, há expansão da indústria de bens de consumo duráveis, ênfase ao período entre 1955 e 1961, e dos investimentos de grandes empresas industriais de capitais estrangeiros no estado.

A área considerada como Baixada Santista é ampliada com a inclusão do município de Cubatão que já cresce industrialmente e passa a estar entre os cinco mais industrializados do estado. Essa ascensão é atribuída à implantação de um complexo petroquímico a partir da Refinaria Artur Bernardes. A instalação de uma refinaria estatal e os investimentos privados em outras partes da cadeia produtiva fazem com que o parque petroquímico de Cubatão ganhe relevância na produção industrial, o que segue nas décadas de 1960 e 1970.

Nos estabelecimentos das indústrias metal-mecânicas que surgem na metade da década de 1950 ocorre inédita articulação, uma complementaridade entre a grande empresa estrangeira, muitas vezes monopolística, e os pequenos e médios estabelecimentos nacionais dos ramos metalúrgicos e metal-mecânicos que se modernizam e se expandem. Formam-se oligopólios diferenciados, articulados horizontalmente e verticalmente. Permanecem os tradicionais estabelecimentos da indústria metal-mecânica em Campinas, Piracicaba, Limeira e Jundiaí e alguns no Vale do Paraíba. As articulações industriais ganham força entre cidades próximas e mais distantes da capital.

A geógrafa Sandra Lencioni (1994) é uma das pioneiras a constatar que o crescimento da indústria em cidades mais afastadas da capital, fenômeno que ganha corpo na literatura a partir dos anos 1990, não é um fenômeno novo, mas já existente em outras fases da formação do parque industrial paulista. Segundo Eliseu Sposito (2007), a mudança do predomínio do processo fordista

de produção para uma produção mais flexível leva a uma reestruturação produtiva entre as indústrias paulistas permitindo que parte da produção permaneça dispersa. A presença desta dispersão pode ser corroborada pela história e dados estatísticos.

AS INDÚSTRIAS PIONEIRAS: PRIMEIROS REGISTROS E DADOS ESTATÍSTICOS OFICIAIS

A primeira fábrica têxtil de algodão na província de São Paulo, associada a Real Junta do Comércio, data de 1780. Há indícios que esta fábrica de fiação e tecelagem sobrevive até a década de 1820. Anos mais tarde, algumas fábricas maiores são inauguradas na cidade de São Paulo, como a de chapéus de Jacob Michels, uma das primeiras a ser fundada na Rua Direita em 1845, local onde se concentram as primeiras fábricas e lojas paulistanas. Em 1850, instala-se a primeira grande fábrica de tijolos no bairro do Bom Retiro.

Dentre as primeiras fábricas, poucas vingam a médio e longo prazo, mas surgem outras para atender a população local, na capital e imediações. Em 1852, são identificadas sete fábricas maiores no estado: duas na Capital, duas em Sorocaba, uma em Bananal, uma em Ubatuba e outra em Campinas, período em que se notam algumas diferenças entre as incipientes fábricas brasileiras. Em São Paulo, poucas têm proteção oficial, o que não ocorre com muitas fábricas nacionais, em sua maior parte altamente dependente do apoio financeiro do Distrito Federal. Entre as exceções paulistas há uma fundição localizada na capital que recebe empréstimo governamental em 1851, e outra fábrica que se beneficia da isenção de impostos por produzir gás hidrogênio, útil ao sistema de iluminação das ruas. Independente do apoio governamental, a capital paulistana cresce na preferência dos proprietários das fábricas no momento de decidir o local de suas instalações.

A partir da segunda metade do século XX, a fisionomia da cidade de São Paulo sofreu profundas transformações, principalmente com a expansão da cultura cafeeira, que resultou na realização de uma série de empreendimentos. Houve também outros fatores decisivos que lhe deram novo aspecto e papel – a imigração européia e a instalação de ferrovias. De ordem econômica, social ou simplesmente técnica, de caráter regional ou nacional, esses fatores contribuíram para que, principalmente a partir de 1870, se marcasse uma nova fase na história de São Paulo (BARDESE, 2011, p. 16).

Entre 1870 e 1876 começam a funcionar as seis primeiras tecelagens paulistas, cinco das quais localizadas fora da capital do estado, em áreas algodoeiras como Itu, Piracicaba, São Luiz do Paraitinga e Campinas. Financiadas com o capital da aristocracia rural, fazendeiros de algodão e de café importam equipamentos e técnicas da Europa e dos Estados Unidos para produzirem tecidos grosseiros e vestir a população escrava.

Para transportar a crescente produção cafeeira e facilitar o acesso as áreas de cultivo são construídas ferrovias para se unirem a já existente São Paulo Railway, que liga a capital a Santos desde a década de 1860. Dentre as principais estão: Cia Paulista (extensão do eixo Santos-Jundiaí; aberta na direção norte-noroeste, de Jundiaí a Campinas em 1872, a Limeira e Rio Claro em 1876, a Descalvado em 1881); Cia Ituana (aberta na direção de Jundiaí a Itu em 1873, até Piracicaba em 1879); Cia Sorocabana (aberta na direção oeste, de São Paulo a Sorocaba em 1875, a Ipanema em 1875 e até Tietê em 1883); Cia Mojiana (fundada em 1872, aberta na direção norte, de Campinas a Moji Mirim e Amparo em 1875, a Casa Branca em 1878, a Ribeirão Preto em 1883, a Poços de Caldas em 1886, interligando assim uma região do Sul de Minas para a esfera econômica de São Paulo). A partir de 1895, a Estrada de Ferro Central do Brasil (com início da construção em 1855) chega a Minas Gerais facilitando o transporte entre as regiões.

Com as ferrovias, estimula-se o surgimento de outro tipo de manufatura voltada para sua construção, manutenção e atividades afins. Em 1872, Sydow e Cia, fixada em São Paulo, anuncia uma grande oficina a vapor equipada com modernas máquinas europeias com o intuito de reduzir de 20% a 30% o custo dos serviços prestados de carpintaria e marcenaria. Em 1877, a fundição da Luz divulga sua produção de serras, engenhos de açúcar, bombas, prensas, portões, e grades de



ferro, tanques para água, ferramentas para estrada de ferro, instrumentos para agricultura e rodas hidráulicas .

Várias melhorias em infra-estrutura realizadas pelo governo incentivam, ou pelo menos permitem a instalação e melhoria das fábricas no estado de São Paulo. Pode-se destacar o surgimento da iluminação a gás nas ruas em 1872, um sistema que evoluiu até as primeiras luzes elétricas nas vias públicas da cidade de São Paulo em 1888. Também citamos o início da contratação de obras de água e esgoto em 1877 que se consolida como o melhor sistema do país em 1888 (SZMREC-SÁNYL, 2004).

Aliada à formação de aglomerados de indústrias, a diversificação das atividades segue ganhando impulso, agora com fábricas que perduram por mais tempo. Como exemplo, tem-se a fundação, em 1883, da primeira fábrica de papel grande e bem equipada de São Paulo, que mais tarde, em 1890, é organizada como empresa de responsabilidade limitada sob o nome de Companhia Melhoramentos de São Paulo. Em 1885, ao redor da capital, funda-se a Tecelagem Silva Seabra & Cia, também conhecida como Fábrica Ypiranguinha, produtora de brim de algodão . Segundo Silva ([1976]1986), há 13 fábricas têxteis, 7 metalúrgicas e 3 fábricas de chapéus em São Paulo no ano de 1885. Em 1888, o estado de São Paulo abriga 12 manufaturas de algodão, das quais duas na capital. Em 1889, estimam-se 636 estabelecimentos fabris no Brasil e São Paulo se destaca por ter 94 deles (MAMIGONIAN, 1976); (MONBEIG, 1984).

Num período de manutenção de tarifas elevadas de importação e por vezes oscilações cambiais, várias indústrias começam a fabricar máquinas para processar café e depois arroz, moinhos de farinha, máquinas para fabricação de açúcar e etc. Algumas delas, como Lidgerwood Manufacturing Company (1868 em Campinas e 1889 em São Paulo), Oficina dos Irmãos Arens (1890), Companhia Mecânica e Importadora de São Paulo (1890), Grande Fundição do Brás (1892), e Craig & Martins (1895), tornam-se grandes fabricantes de máquinas agrícolas, motores a vapor e caldeiras, turbinas, equipamentos de transporte, estruturas de ferro, utensílios e outros artigos de metal. Citam-se também as quatro empresas de máquinas para beneficiar café presentes em Limeira em 1884. A diminuição dos custos que ocorre com a produção dessas máquinas tem poucos dados. Calcula-se que o maquinário de beneficiamento do café pode ter gerado, de início, uma redução de 10% nos preços de exportação do produto. A redução impacta no preço final, mesmo com uso de matéria prima importada (citamos ferro e aço praticamente sem produção interna à época) (SUZIGAN, 2000).

Não obstante, várias fábricas não estão aptas para produzir as máquinas e ferramentas que outrora importavam e assim aumentar a produtividade ou continuarem suas atividades com elevado custo de matéria prima. Como consequência, há liquidação de várias fábricas, fusões e aquisições, momento oportuno para que os imigrantes, agora de posse de capital necessário, coloquem em prática o prévio conhecimento manufatureiro que tem para fundar suas fábricas e comprar as existentes com o intuito de desenvolver quase todos os ramos industriais conhecidos até então .

Em 1890, é fundada a Cervejaria Bavária na capital paulista. Nesta década, a Companhia Antártica consolida-se como Sociedade Anônima. Também em 1891, as fábricas de José Galvão e Barros Júnior são adquiridas pela Companhia e Cultura de Tecidos de Algodão Paulista, e assim permanecem até 1894, quando são vendidas para a M. Buarque de Macedo & Cia. Após a paralisação das atividades fabris, em 1897, são adquiridas por José Weissshon & Cia, que retomam suas atividades. Em 1904, esta companhia é vendida para a italiana Società per l'Esportazione e per l'Industria Ítalo-Americana que adquire também a Fábrica de Papel e a Tecelagem Enrico Dell'Acqua de São Roque. Em 1919, a Società per l'Esportazione e per l'Industria Ítalo-Americana associa-se à Belli & Cia e passa a ser chamada de Brasital, nome pelo qual se torna popularmente conhecida .

A primeira grande fábrica de produtos cerâmicos do Brasil é fundada em São Paulo, em 1893, por quatro irmãos franceses naturais de Marselha com o nome de “Estabelecimentos Sacoman Frères”, posteriormente alterado para Cerâmica Sacoman S.A. . Em 1894 é inaugurada a estampa-ria e alvejaria Votorantim, também com capitais proveniente do café. Inicialmente, apenas realiza



atividades de tingimento e estamparia, posteriormente é equipada com fusos e teares, o que lhe proporciona uma das maiores capacidades produtivas do estado. Em 1895, surge a primeira fábrica de garrafas do Brasil, a vidraria Santa Maria, que anos mais tarde diversifica seus negócios. Neste período, várias cidades passam a crescer vinculadas as atividades de fabricação, constituindo importantes núcleos industriais como São Caetano e Santo André. Os terrenos com preços menores e as facilidades de transporte atraem indústrias para essa região. Outros núcleos industriais se formam em Mauá, São Bernardo do Campo e Ribeirão Pires. Destaca-se a Companhia Streiff de São Bernardo do Campo, primeira fábrica de móveis local inaugurada em 1897 que produz principalmente cadeiras. São exemplos de que a ocupação do espaço urbano também cresce tomando-se por base a insipiente formação do parque industrial.

Na capital, o Brás e a Lapa começam a se consolidar como bairros operários por excelência com a reunião das indústrias próximas aos trilhos da estrada de ferro inglesa, nas imediações dos rios Tamanduatey e Tietê, principalmente com a construção, em 1901, da nova estação da São Paulo Railway, a Estação da Luz. Em 1900, o Brás se caracteriza pela diversidade de ramos fabris e pelo grande número de proprietários estrangeiros. Outros bairros, nas proximidades das ferrovias, são eleitos para abrigar novas fábricas: como é o caso de Mooca, Belenzinho, Bom Retiro, Barra Funda e Água Branca (BARDESE, 2011).

A Noroeste da ferrovia São Paulo Railway, localiza-se o núcleo industrial de Pirituba e a Companhia Melhoramentos em Caieiras. Já a Leste, nas proximidades da Central do Brasil, destaca-se a Companhia Nitroquímica Brasileira em São Miguel Paulista (MONBEIG, 1984). As primeiras zonas industriais se concentram em torno das principais ferrovias, formando incipientes aglomerações, o que mostra a importância do fator transporte para as decisões locais à época.

Segundo Negri (1996), a área do estado que no século XXI compreende a Grande São Paulo concentra 58,2% da produção industrial paulista ou 9,3% da produção nacional em 1907. Consequentemente, as demais áreas do estado de São Paulo, denominadas pelo autor de interior, respondem por quase 42% do total estadual e nela os ramos alimentos e têxtil respondem por cerca de três quartos do Valor da produção. O ramo têxtil emprega 52,7% das pessoas ocupadas pela indústria do interior e por 46,6% da produção. O ramo alimentício responde por 21,5% e 26,6%, respectivamente. Destaca-se também a produção de açúcar, muito concentrada, sendo 12 usinas responsáveis por 83% das pessoas ocupadas no ramo e por 56% do respectivo valor da produção. Ainda em 1907, Campinas já apresenta produção diversificada, pois os ramos têxtil, alimentício (açúcar), vestuário e calçados, metalúrgico, mecânico e de minerais não metálicos estão presentes. No agregado, o estado de São Paulo contribui com 15,9% do Valor da produção industrial em 1907, com importantes estabelecimentos distantes da capital (Tabela 2).

Para Suzigan (2000), a mudança da energia a vapor para a elétrica leva à provável redução dos custos de produção e, consequentemente, o aumento da competitividade de várias fábricas, principalmente as empresas têxteis em São Paulo e Rio de Janeiro, período em que predominam as indústrias leves e começam a se formar grandes grupos industriais diversificados.

A formação do Grupo de Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo é um exemplo marcante deste processo. Fundado na cidade de São Paulo em 1899, o moinho Matarazzo começa suas atividades em 1900 com capital proveniente do banco inglês British Bank of South América. Utiliza máquinas britânicas e tem acesso aos mercados através da ferrovia que chega ao Porto de Santos. Aos poucos se transforma em uma grande fábrica de farinha e surge a necessidade de ensacamento do produto, o que leva a fundação da fábrica Mariangela (1904). A diversificação das atividades se expande, até serem criadas as fábricas de óleo de caroço de algodão, de sabão e artigos de toilette. Outros italianos e sírio libaneses acompanham as atividades de Matarazzo, porém em menor escala. Constroem grandes grupos industriais partindo de indústrias básicas evoluindo até a instalação de fábricas para produção auxiliar, de acordo com a disponibilidade de recursos e suas próprias capa-



idades. Em 1910, é fundada a fábrica de papel e papelão Klabin em São Paulo. Anos mais tarde, o grupo Klabin se consolida como um dos maiores conglomerados do ramo de papel e celulose do Brasil (MAMIGONIAN, 1976).

O fenômeno da transferência de propriedade dos estabelecimentos fabris fundados pela aristocracia paulista para os estrangeiros tem continuidade. Segundo Mamigonian (2004), estima-se que 77% dos cotonifícios fundados por esta aristocracia até 1910 passam a pertencer aos imigrantes até aproximadamente 1917.

Tabela 2 - Relação dos maiores estabelecimentos industriais localizados no interior do estado de São Paulo em 1907

Denominação	Localização	Produtos	Número de Operários	Valor da Produção (Em mil Contos de Réis)
Soc Italo Americana	Itú/S.Roque	Fiação/Tecel.	1131	7646,00
Moinho de Santos	Santos	Moag. de Cereais	153	3410,00
Fábrica Votorantin	Sorocaba	Fiação/Tecel.	696	2600,00
S.A de Piracicaba	Santos	Açúcar	170	2330,00
Fábrica Sta Rosalina	Sorocaba	Fiação/Tecel.	507	2240,00
Cia. Santista	Santos	Fiação/Tecel.	326	2100,00
Souza Pereira S. C.	Sorocaba	Chapéus	158	1435,00
Dr. Henrique Dumont	São Simão	Açúcar	400	1040,00
Aren & Irmãos	Jundiaí	Fundição	168	920,00
Cia. MacHardy	Campinas	Fundição	254	860,00
S.A. Vila Rafard	Rafard	Açúcar	170	832,00
Fábrica Carioba	Americana	Fiação/Tecel.	253	810,00
Fábrica Arethusina	Piracicaba	Fiação/Tecel.	300	750,00
Fábrica Santa Maria	Sorocaba	Fiação/Tecel.	200	720,00
Fábrica São Martinho	Tatuí	Fiação/Tecel.	370	720,00
Fábrica São Bento	Jundiaí	Fiação/Tecel.	206	720,00
Dias S. C.	Sorocaba	Artigos de Couro	108	700,00
Fábr. Fonseca Fº S. C.	Sorocaba	Fiação/Tecel.	246	675,00
J. F. Marques Valle	Araraquara	Açúcar	320	635,00
Arthur Nogueira S. C.	Campinas	Açúcar	200	600,00
Dr. A.A. de Carvalho	Piracicaba	Açúcar	350	574,00
Dr. A.A. de Carvalho	Taubaté	Fiação/Tecel.	261	523,00
Hoffman S. C.	Jacarei	Fiação/Tecel.	100	522,00
Fábrica Monte Serrote	Salto	Fiação/Tecel.	172	504,00
Motta S. C.	Guaratinguetá	Fósforos	250	450,00
Cia C. C. de Ferro	Campinas	Mat. Transportes	87	350,00
A. R. Pereira S. C.	Rodovalho/Pirajú	Cal/Cimento	100	293,00
Fábrica São Luiz	Itú	Fiação/Tecel.	131	160,00

Fonte: Negri, Barjas (1996) Concentração e Desconcentração Industrial em São Paulo (1880-1990), página 46. Dados do Censo Industrial do Estado de São Paulo 1907. O Brasil: suas riquezas naturais, suas indústrias, Rio de Janeiro, 1909.

Pouco antes da Primeira Guerra Mundial, acelera-se o desenvolvimento da indústria metal mecânica estimulado pela expansão das exportações de café e borracha. Não obstante, a dependência de importações de maquinarias pesadas e complexas, de matérias primas como aço não acabado e laminado compromete o avanço industrial. É justamente esta tentativa de produzir internamente os bens antes importados que caracteriza a produção industrial de 1914 até a crise de 1929. A Companhia Mecânica e Importadora de São Paulo desponta criando sua própria fundição para transformar sucata em ferro na cidade de São Caetano do Sul em 1914. Depois, empresas vinculadas ao ramo da siderurgia tentam se estabelecer no estado de São Paulo, mas a consolidação deste ramo no território nacional só ocorrerá durante e depois da Segunda Guerra Mundial. Neste intervalo de tempo, intensifica-se a diversificação industrial e o predomínio desta atividade para a geração de renda no estado de São Paulo.

Desconsiderando São Paulo, Minas Gerais é o único estado que aumenta a participação da produção industrial no país nesse período, passando de 4,4% em 1907 para 5,6% em 1919, segundo os dados da Série Retrospectiva Histórica do IBGE. No entanto, a precariedade da forma de cultivo da cafeicultura e as distâncias entre Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, consideradas grandes face aos sistemas de transporte vigente, fazem com que a indústria mineira se disperse para atender os mercados locais, restringindo-se a pequenos e médios estabelecimentos. O Inquérito Industrial de 1907 mostra que das 529 empresas industriais mineiras, apenas 02 podem ser consideradas de grande porte. Praticamente isoladas por acidentes geográficos e dificuldades de transporte, as pequenas empresas mineiras conseguem vingar, principalmente antes da integração dos mercados nacionais. Quanto à integração nacional, apenas o ramo metalúrgico mineiro passa por transformações significativas nos anos 1920, integrando-se ao estado de São Paulo e, secundariamente, ao do Rio de Janeiro. Com a integração dos mercados nacionais, o estado de São Paulo consolida-se como líder absoluto do processo de industrialização (CANO, 2002).

CRESCIMENTO E DIVERSIFICAÇÃO DA INDÚSTRIA PAULISTA

A partir da década de 1910, alterações significativas na política internacional têm consequências na formação do parque industrial de São Paulo à medida que impactam na disponibilidade de investimentos, taxas de câmbio e valor dos produtos. Por um lado, a retração da demanda internacional, o aumento dos preços dos bens importados e a queda nos preços internacionais do café reduzem parcela significativa da renda que até então estimulava o processo de industrialização. Por outro lado, a escassez de matérias primas e insumos básicos, incluindo máquinas e equipamentos, faz com que a produção industrial brasileira se diversifique para fabricar os itens anteriormente importados.

Como consequência, a formação do parque industrial paulista deixa de ser preponderantemente estimulado pela demanda em expansão, mas segue seu desenvolvimento impulsionado pela escassez de oferta de muitos produtos industriais. É inaugurado em São Paulo um número maior de indústrias produtoras de insumos, máquinas e peças, de processamento de produtos como beneficiamento de café e refinamento de açúcar. Os proprietários agrícolas também investem em estradas de ferro, casas de exportação, bancos e participam ativamente da administração do Estado e da União à época. As indústrias com mais de 100 operários crescem mais rapidamente, ao menos do início do século XX até 1920 (SILVA, [1976]1986).

Cresce a participação da indústria paulista no total da produção industrial brasileira, que chega a 33% segundo os dados do Censo Industrial de 1920. Neste ano, somente o estado de São Paulo passa a ter 4.145 estabelecimentos industriais. As indústrias da alimentação e do vestuário e toucador empregam o mesmo percentual de pessoas ocupadas, 13% cada. Não obstante, a primeira com 31% de todos os estabelecimentos do estado contribui com 35% de todo o valor da produção industrial no ano. A segunda tem 18% de todos os estabelecimentos participando de apenas 9% do valor da produção no ano. Os números mostram que a indústria do vestuário e toucador precisa contratar



relativamente mais para gerar um valor da produção proporcionalmente menor que a indústria da alimentação.

Analisando todos os ramos industriais, Prado Jr. (1945) resume o caráter da indústria em 1920 no Brasil. Segundo o autor, ela se mantém semelhante à de 1907, tanto no que diz respeito a sua dispersão quanto a sua distribuição percentual da população ocupada. Muda com relação às atividades que ganham mais notoriedade em detrimento a outras que pouco avançam. As indústrias de alimentos passam a representar 40,2% da produção industrial do país em 1920. A indústria de congelamento de carnes contribui para o resultado graças as suas exportações, com destaque para a produção no Rio Grande do Sul.

No estado de São Paulo, a diversificação industrial se dá com base no capital estrangeiro e nos arredores da capital paulista. Em 1919, instalam-se a Rhodia para fabricar produtos químicos e a Lidgerwood no ramo metalúrgico; ambas na região que faz parte do município de Santo André em 2008. Em 1923, são inauguradas a Fichet produtora de estruturas metálicas e a Pirelli para fabricar pneus e cabos elétricos na mesma região (SZMRECSÁNYI, 2004). Na capital, ganha destaque a indústria automobilística. Em 1919, a Ford inaugura a primeira linha de montagem e um escritório no centro da cidade de São Paulo. Em 1925, a General Motors do Brasil instala sua fábrica no bairro paulistano do Ipiranga e dois anos depois inicia a construção de uma fábrica em São Caetano do Sul. Durante os primeiros anos da indústria automobilística, as fábricas crescem mediante grande importação de peças, concentrando a atividade de montagem dos automóveis no Brasil. Segundo Prado Jr. (1945), trata-se de indústrias subsidiárias de grandes empresas estrangeiras.

Em 1920, a prefeitura de São José dos Campos fornece incentivos fiscais e terrenos para instalação de fábricas, desde que com mais de 100 operários. Em 1921, atraída por tais benefícios, instala-se no município a Fábrica de Louças Santo Eugênio e em 1922 a Cerâmica Santa Lúcia. Em 1925 é concedida isenção de impostos municipais por 25 anos à Tecelagem Paraíba, que entra em funcionamento em 1926 (COSTA, 1982). Ainda nesta década, são fundados três estabelecimentos fabris do ramo têxtil: Carbonel, de Henrique Carbonel, inaugurado em 1923, situado próximo à Estação Guarulhos, e mais dois, os de Giacomo Candenuto e Evaristo Bisognini. Surgem duas fábricas de polainas, sandálias e artigos de couro, uma de José Saraceni, situada nas proximidades da Estação de Vila Augusta e outra Cerdam Galvez, também na Vila Augusta, cidade de São Paulo. São instalados os Moinhos Reisa de moagem de grãos e fabricação de farinha dos irmãos Fiúza, na Vila Augusta. Em 1922 é fundada a indústria de papel Santa Cruz, atual Ripasa S.A., em Limeira. Seis anos depois, há, no estado de São Paulo, pelo menos nove fábricas de louça, sendo cinco na Capital.

No decorrer da década de 1920 há mudanças qualitativas e quantitativas na atividade industrial paulista. Em números, o crescimento industrial supera o resto do país. Os avanços qualitativos ficam a cargo do incipiente núcleo produtor de bens de capital e de insumos mais complexos, bem como a diversificação da produção de bens de consumo, visível na indústria têxtil. Antigas e pequenas indústrias mecânicas, de metalurgia e fundições se expandem. Começa a fabricação de motores, aparelhos elétricos, empresas laminadoras de metal, fabricação de fios e fibras de rayon, equipamentos mais elaborados para as indústrias têxteis e açucareira.

O capital internacional é direcionado a indústrias que pedem maiores investimentos, tecnologia e que sejam passíveis de maiores riscos empresariais: montagem de veículos, aparelhos elétricos, introdução de segmentos da indústria química e farmacêutica; a cargo da Ford, General Motors, Phillips e Rhodia (SOUZA, 2004). Quanto à indústria automobilística, parte das carrocerias e autopeças passa a ser adquirida em território nacional. Em 1929, a Grassi já fornece carrocerias de caminhões para Ford e General Motors. Firestone e Pirelli fornecem pneumáticos desde 1923 (SCARLATO, 1981). Estas grandes empresas de capital internacional estimulam, em momento propício, a incipiente concentração geográfica industrial paulista. No momento, já contribuem para a formação de núcleos industriais em alguns pontos da capital, nas cidades de Santo André, Guarulhos, São José dos Campos, São Bernardo do Campo, Mauá e Ribeirão Pires.

Após a Crise de 1929, avança-se para o uso de novos materiais, com o predomínio do aço em lugar do ferro, e novas formas de organizar a produção que exige bastante articulação entre as diversas partes do processo produtivo. Trata-se de uma integração vertical que demanda aproximação física das unidades produtivas e controle único de unidades anteriormente autônomas e dispersas (SOUZA, 2004).

À época, a cidade de São Paulo emprega mais da metade de todos os funcionários da indústria do estado (53,25%) segundo os dados censitários. Destacam-se também Santo André (6,77%), Sorocaba (3,34%), Santos (2,80%), Jundiaí (2,14%), Campinas (2,02%), Taubaté (1,38%), Piracicaba (1,06%) e Limeira (1,01%). Os dados também revelam que as indústrias mais distantes da capital remuneram e empregam menos, mas também exigem menor valor de capital aplicado e tem papel importante para abastecer os mercados locais. Em diversas regiões do estado, e não apenas nos arredores da capital, o número de empregos por estabelecimento industrial é elevado. Os estabelecimentos que mais dispendem com insumos estão nas áreas próximas a capital, bem como os estabelecimentos indústrias que necessitam de maior capital aplicado e maior quantidade de pessoas ocupadas.

A produção de cosméticos e produtos farmacêuticos cresce consideravelmente, este último a partir de 1935 e a de cosméticos de 1934 a 1938. Nos arredores da cidade de São Paulo instala-se a Lever Brothers inglesa (Gessy Lever no Brasil) para produzir sabonetes entre 1929 e 1930 (SUZIGAN, 2000).

Os dados do Censo Industrial de 1940 também permitem constatar que a maior parte desses estabelecimentos paulistas - quase 30% deles - produz alimentos. Em destaque encontram-se transformação de minerais não metálicos (11%), produção de madeira (10%), vestuário (8%) e têxtil (7%). Aproximadamente 40% dos municípios paulistas têm estabelecimentos industriais, percentual que cresce para 56% na década seguinte. De 1960 para 1970 atinge-se 77% e 88% respectivamente. Na década de 1940, há crescimento de zonas industriais na capital, Santo André, Santos, Campinas, Sorocaba, Ribeirão Preto, Piracicaba, Jundiaí e Limeira. A tendência é as indústrias estarem próximas às fontes de matérias primas, gerando e estreitando laços de recursos, como em Campinas onde também são estabelecidos laços de coalescência principalmente pela indústria mecânica. São indícios importantes da formação de aglomerações industriais para atender a população local, o que é condizente com transportes lentos e caros na década de 1930 (SELINGARDI-SAMPAIO, 2009).

A dispersão é notada com a queda ou estabilidade do número de estabelecimentos industriais dos municípios paulistas mais industrializados em relação ao total do estado, ainda que muitos tenham apresentado taxas elevadas de crescimento desta variável depois dos anos 1950 (Tabela 3).

Cresce a contribuição de alguns municípios para o total do capital aplicado pelas indústrias no estado de São Paulo, entre eles Cubatão, São Caetano do Sul, São Bernardo do Campo, Mogi das Cruzes, Americana e São José dos Campos. Esse crescimento induz a concentração geográfica industrial nestas áreas, mas também há aumento da quantidade de indústrias mais afastadas da cidade de São Paulo que passa a aplicar proporcionalmente mais capital. A contratação por estabelecimento industrial aumenta relativamente mais nos municípios próximos à capital do estado, em Campinas e no Vale do Paraíba.

O acesso facilitado às rotas de transporte ainda é fator determinante para a localização industrial gerando certa aglutinação das maiores indústrias ao redor dos principais eixos ferroviários. Selingardi-Sampaio (2009) consegue comprovar isso sobrepondo as principais ferrovias do estado com os municípios que apresentam maior Valor da produção Industrial utilizando dados do Censo Industrial de 1950. Ganham ênfase três áreas, chamadas pela autora de Aglomerações Territoriais das Indústrias - ATIs. Por serem extensas e diferentes entre si, há certa hierarquia entre elas. A mais importante é a Aglomeração Territorial da Indústria da Metrópole Paulistana - ATIMP, com 62,6% do Valor da produção Industrial estadual, formada pela capital São Paulo (que sozinha tem 51,66% do Valor da produção Industrial do estado), Santo André, São Caetano do Sul, São Bernardo do Campo do Campo, Mogi das Cruzes e Guarulhos.



A segunda Aglomeração mais importante é formada pelos municípios de Campinas, Jundiaí, Piracicaba, Americana, Limeira, Araras e Rio Claro, com 5,68% do Valor da produção Industrial estadual. A terceira Aglomeração Territorial Industrial citada pela autora inclui os municípios de Araraquara, Ribeirão Preto, São Carlos. Menos densa e expressiva esta aglomeração representa apenas 1,74% do Valor da produção Industrial estadual.

Alguns fenômenos tendem a se reverter nos anos 1950. A participação direta do governo federal é ampliada por meio de: políticas públicas favoráveis ao ingresso de capital estrangeiro, investimentos significativos em infraestrutura e novos estímulos à entrada de empresas estrangeiras (o que é acentuado a partir de meados da década). Os ramos industriais mais beneficiados com os novos programas governamentais estão em fase de consolidação no estado de São Paulo, o que contribui para a concentração geográfica industrial.

Tabela 3 - Evolução dos estabelecimentos industriais no estado de São Paulo – 1940 a 1970

Município*	Participação da quantidade de estabelecimentos industriais de cada município selecionado no total de estabelecimentos industriais do estado de São Paulo (%)				Taxa de crescimento da quantidade de estabelecimentos industriais de cada município selecionado no total do estado de São Paulo (%)	
	Anos					
	1940	1950	1960***	1970	1950/1940	1970/1960
São Paulo	34,8	52,6	40,2	40,7	51,2	40,9
Santo André	2,7	3,2	1,3	1,5	17,8	70,9
Santos	1,9	2,3	1,5	1,3	19,1	18,2
Campinas	1,9	3,4	1,4	1,7	79,5	59,8
Sorocaba	1,4	1,7	0,7	0,9	24,0	70,3
Ribeirão Preto	1,3	2,1	1,1	1,1	61,9	48,2
Piracicaba	1,2	2,6	1,1	1,2	111,2	56,6
Rio Claro	1,1	1,6	0,9	0,7	43,2	13,3
Jundiaí	1,0	1,7	1,0	1,0	69,1	38,1
Limeira	0,8	1,6	0,6	0,9	89,9	102,6
Araraquara	0,8	1,1	0,6	0,5	28,8	18,6
São Carlos	0,8	1,3	0,7	0,7	53,8	30,7
Franca	0,8	1,2	0,6	0,7	52,7	50,9
Jaú	0,8	1,2	0,6	0,5	48,6	60,4
São José do Rio Preto	0,8	1,5	0,5	0,7	88,1	74,4
Catanduva	0,7	1,0	0,6	0,4	38,1	17,7
Americana	0,7	1,3	0,7	1,4	87,0	178,2

Fonte: Elaboração própria com base nas informações dos Censos Industriais de 1940 a 1970

Nota: (*)Eleitos para a análise todos os municípios com mais de 100 estabelecimentos industriais no estado de São Paulo em 1940. (**)Estabelecimentos industriais são as unidades de produção, o que permite comparabilidade entre os Censos de 1940 a 1970. (***)Incluíram-se as oficinas de reparação destinadas à execução de trabalhos mecânicos de manutenção e conservação de máquinas e equipamentos industriais, recuperação de motores de veículos e outros semelhantes por constituírem atividades acessórias da indústria. Construção civil e produção e distribuição de energia elétrica foram objetos de levantamento complementar não constando na publicação geral.

Essa década e parte da seguinte se destacam pelos investimentos de grandes empresas industriais de capitais estrangeiros no estado. De 1951 a 1955 são instaladas menos indústrias, como Marmovidro, Soc. Constr. Aeronáutica Neiva Ltda, Johnson & Johnson S.A. De 1956 a 1960 há acentuação do crescimento industrial, ênfase ao ramo material de transporte. Destaca-se a continuidade do processo intenso de urbanização, início da diversificação das atividades, crescente integração entre comércio e indústria o que favorece o desenvolvimento do setor de serviços.

Os investimentos em rodovias proposto pelo Plano de Metas do governo federal superam aqueles feitos nas ferrovias. Também há estagnação no número de vagões e locomotivas, além do grande número de extinção dos ramais ferroviários. Esta mudança do principal meio para transportar os produtos industrializados e insumos favorece a dispersão das indústrias, uma vez que cria novos locais de acesso, ao mesmo tempo em que reforça a concentração geográfica industrial preexistente, como ocorre com a inauguração da Rodovia Dutra, ligando Rio de Janeiro a São Paulo.

Contribuem para o resultado os controles cambiais de final dos anos 1940 e início dos anos 1950. Segundo a legislação em vigor, qualquer tipo de mercadoria pode ser importada mediante inscrição antecipada em listas de espera por categoria, estabelecidas segundo as prioridades fixadas pela Carteira de Exportação e Importação do Banco do Brasil - CEXIM. Na prática, a cada importador é assegurada certa quota de divisas para importar proporcional ao volume de suas transações antes da instituição do sistema de licenciamento. Da forma como é elaborada, a legislação não considera as indústrias que precisam ser estimuladas no país, mas acaba por priorizar aquelas já consolidadas (BAER, 1996). Consequentemente há estímulo para estabelecimentos localizados em áreas industriais no estado de São Paulo. Em 1953, avança a participação dos estabelecimentos de minerais não metálicos para 15%. Produtos alimentares e indústria têxtil chegam a 13% cada. No entanto, os têxteis já contribuem mais para o Valor da produção estadual, com pouco mais de 20%.

Todas essas variáveis e suas interações favorecem o desenvolvimento da indústria nacional concentrada no estado de São Paulo. A indústria passa a superar a agricultura na contribuição para o Produto Interno Bruto do Brasil, mas a participação do país no comércio mundial pouco varia, bem como a pauta das exportações, de tal forma que o crescimento da indústria paulista parece estar voltado para atender o mercado interno (BRUM, 1999).

A região administrativa de Campinas cresce significativamente em produção. O ramo metal mecânico voltado para a produção de máquinas ferramentas, máquinas e equipamentos relacionados à atividade agrícola regional muito contribui para o resultado. O mesmo ocorre com Araraquara, bem como com outros municípios da região onde coexistem agroindústrias, laticínios, produtos alimentares. A área considerada como Baixada Santista é ampliada com a inclusão do município de Cubatão que já cresce industrialmente e passa a estar entre os cinco mais industrializados do estado ainda nos anos 1950. Essa ascensão é atribuída à implantação de um complexo petroquímico a partir da Refinaria Artur Bernardes em 1956-1957.

Neste período, há rápida ascensão de São Bernardo do Campo e de Cubatão, com ritmos de crescimento mais intensos que o município de Campinas, enquanto Guarulhos passa a estar entre os cinco mais industrializados do estado. Trata-se de um momento de crescimento industrial em território paulista mediante intervenção estatal. As décadas seguintes mostram tendência à nova desconcentração industrial no interior do estado de São Paulo.

Nas décadas seguintes, intercalam-se períodos com diferentes graus de crescimento econômico da indústria paulista, porém com taxas menores que aquelas registradas até então. Os anos de maior crescimento ocorrem com maior ou menor grau de concentração geográfica industrial, o que depende, conforme verificado neste trabalho, da evolução histórica dos fatores determinantes de localização das indústrias.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos autores, sobretudo aqueles vinculados à geografia (Mamigonian, 1976; Lencioni, 1994; Selingardi-Sampaio, 2009), mostram que as indústrias paulistas nascem em locais geográficos distintos para atender a demanda local e a interesses de agentes internos e/ou externos. No início do século XX muitas manufaturas, e depois fábricas, iniciam suas atividades produtivas na capital, mas algumas fecham, mudam de lugar, enquanto outras iniciam em cidades mais afastadas, de tal forma que o processo de industrialização não nasce fechado e limitado à metrópole e depois se dispersa ou se contrai, mas se constrói ao longo do tempo e de forma simultânea em diversos pontos do estado de São Paulo (Itu, Piracicaba, Sorocaba, Salto, Santos, Jundiaí, entre outras). As manufaturas e fábricas se aproximam dos grandes centros com o evoluir do capital comercial e financeiro, o que inclui não só a capital paulista, mas as cidades próximas a ela, como Santo André e o crescimento mais acelerado de Campinas.

As mudanças nas políticas públicas e o contexto internacional alteram o rumo da industrialização paulista favorecendo um crescimento industrial mais expressivo do estado em relação às demais unidades da federação na década de 1950. Esse forte crescimento, entre meados dos anos 1950 e início dos anos 1960, é marcado pela presença de três aglomerações territoriais das industriais, sendo a mais importante delas a que inclui a capital do estado e imediações. Nesta parcela do território, destacam-se as indústrias de capital estrangeiro em ramos de maior intensidade tecnológica.

O fenômeno ganha novos rumos nos anos 1960 e 1970, quando outro momento de dispersão industrial interna ao estado de São Paulo se destaca. Nestes anos, a dispersão se dá com forte estímulo estatal, ao contrário do início do Século XX, quando surgem as primeiras manufaturas de forma dispersa para atender os compradores distribuídos pelo território e ficar o mais próximo possível das fontes de matéria-prima. Desta forma, os determinantes da localização industrial mudam, sofrem influencia de políticas públicas e decisões empresariais que se alteram ao longo do tempo. Neste contexto, o crescimento industrial paulista se dá acompanhado em maior ou menor grau de concentração geográfica industrial.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BACELAR, Tânia. Por uma política de desenvolvimento regional. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 30, nº2, abril/maio/junho de 1999.
- BAER, Werner. **A Economia Brasileira**. São Paulo: Nobel, 1996.
- BARDESE, Cristiane Ikeda. **Arquitetura Industrial, Patrimônio edificado, preservação e requalificação: O caso do Moinho Matarazzo e Tecelagem Mariângela**. 2011. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- BARROS, Amanda Mergulhão Santos. **Formação e desenvolvimento do parque industrial paulista segundo as informações censitárias e as pesquisas industriais anuais**. 2011. Tese. (Doutorado em Geografia humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- BRUM, Argemiro J. **O Desenvolvimento Econômico Brasileiro**. Ijuí: Vozes, 1999.
- CANO, Wilson. **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- CANO, Wilson. **Ensaio Sobre a Formação Regional do Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.
- DINIZ, Clélio Campolina. **Dinâmica Regional da Indústria no Brasil - Início de Desconcentração, Risco de Concentração**. 1991. Tese. (Professor Titular) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais.
- DNIT - Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte. [En línea] Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte. Disponível em <<http://www.dnit.gov.br/ferrovias/historico>> [Acesso em 06 de setembro de 2008]

- GOLDENSTEIN, Léa. **Estudo de um centro industrial satélite**: Cubatão. 1970. Tese. (Doutorado em Geografia humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1970.
- IBGE. **Censos Industrial, Comercial e dos Serviços**. Rio de Janeiro, 1955.
- IBGE. **Estatística da Produção Industrial - 1952**. Rio de Janeiro, 1933.
- IBGE. **Estatísticas Históricas do Brasil**: Séries Econômicas, Demográficas e Sociais de 1550 a 1988. Rio de Janeiro, 1990.
- IBGE. **Recenseamento do Brasil**. Rio de Janeiro, 1924.
- IBGE. **Recenseamento Geral do Brasil - 1940**. Rio de Janeiro, 1950.
- IBGE. **Produção Industrial Brasileira - 1953**. Rio de Janeiro, 1957.
- IBGE. **Produção Industrial Brasileira - 1954**. Rio de Janeiro, 1957.
- LENCIONI, Sandra. Reestruturação Industrial do Estado de São Paulo - A Região da Metrópole Desconcentrada. In: SOUZA, Maria Adélia M. de et al. **Território, Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994. p.198-210.
- MAMIGONIAN, Armen. O Processo de Industrialização em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**, nº 50, 1976.
- MAMIGONIAN, Armen. **A Escola Francesa de Geografia e o Papel de A Cholley e outros estudos de pensamento geográfico e social**. 2004. Tese. (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1984.
- NEGRI, Barjas. **Concentração e Desconcentração Industrial em São Paulo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- PRADO JR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1945.
- RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930)**. São Paulo: Ed. Hucitec; 1988
- SCARLATO, Francisco Capuano. **A Indústria automobilística no capitalismo brasileiro e suas articulações com o crescimento espacial na metrópole paulista**. 1981. Dissertação. (Mestrado em Geografia humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- SELINGARDI-SAMPAIO **Indústria e Território em São Paulo**: a Estrutura do Multicomplexo Territorial Industrial Paulista 1950-2005. Campinas: Editora Alínea, 2009.
- SILVA, Sérgio. (1976) **Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil**. 7ª Edição, São Paulo/SP: Editora Alfa-ômega, 1986.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Território e lugar na metrópole revisitando São Paulo. In: ALESSANDRI, Ana Fani Alessandri Carlos et al. **Geografias de São Paulo**. A Metrópole do Século XXI. São Paulo: Editora Contexto, 2004, p. 21-50.
- SPOSITO, Eliseu Savério. Cidades Médias e Eixos de Desenvolvimento no Estado de São Paulo: Metodologia de Abordagem. In: BELTRÃO, Maria Encarnação et al. **Cidades Médias**: espaços em transição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007, p. 215-232.
- SUZIGAN, Wilson. **Indústria Brasileira**: Origem e Desenvolvimento. São Paulo: Hucitec, 2000.
- SZMRECSÁNYL, Tamás. **Histórica Econômica da Cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2004.

Trabalho enviado em novembro de 2013
Trabalho aceito em dezembro de 2013

